

O reencontro de Paulo Freire com a Universidade de Brasília¹

Ana Maria de Araújo Freire

Receber da comunidade acadêmica da Universidade de Brasília mais um título de Doutor *Honoris Causa* outorgado a meu marido Paulo Freire - o 40º ou o 44º, se juntarmos os de caráter honorífico não explicitamente de DHC, cinco deles recebidos por mim *in memoriam*, afora nove outros conferidos, mas não entregues, por causa da sua partida - é um momento de extrema alegria para mim.

Alegria, antes de tudo, porque considero de extrema importância estar sendo Paulo homenageado por esta comunidade acadêmica que o acolhe e traz de volta para não mais sair - ele, um dos homens que dela se acercou antes mesmo de ela se concretizar, nos anos 60, com seriedade, inteligência, humildade e dedicação. Diante do respeito e da admiração que os progressistas-resistentes daqui lhe devotaram por todo o tempo de sua negação como intelectual no período militar, creio que este momento é como o da volta do filho pródigo, mesmo que Paulo daqui nunca tenha partido. Quando penso na UnB, penso em Paulo, quando falo da UnB, parece-me estar falando de Paulo.

É também um momento de orgulho para mim que meu marido esteja recebendo o reconhecimento de “distinguido” da universidade da cidade símbolo do sonho dos brasileiros e brasileiras, da crença no Brasil melhor e mais bonito, outorgada pelos que pensam e agem no mundo do conhecimento, por ser um deles, mas, sobretudo, acredito, por sua conduta ética e política a serviço do povo espoliado e oprimido.

Por último, minha alegria tem sua razão de ser também no número tão alto de atestados de notório saber que Paulo recebeu no decurso de sua presença no mundo, o que se vem alongando em títulos que honram a sua memória na sua vida pós-morte - como o está fazendo a UnB -, porque ele continua sendo um filósofo mundial que pensou o seu país e o mundo de forma radical, utópica e profética.

Desejo que um dia - certamente não será hoje - todos e todas desta nação brasileira tenham clareza e lucidez, que se espantem e busquem entender a razão de ser mais radical, do motivo pelo qual estamos hoje aqui reunidos na Casa de outro ícone brasileiro: Darcy Ribeiro homenageando Paulo Freire. Dois brasileiros, exemplos de seriedade, de ética e de amorosidade - e sobre meu marido, eu

1. Discurso proferido durante a solenidade da outorga do título Doutor *Honoris Causa*, conferido a Paulo Freire pela Universidade de Brasília.

acrescentaria, de humildade!

Não posso deixar de dizer que esta enorme alegria de trazer Paulo de volta para o seio da UnB, conferindo-lhe este título que hoje recebo em seu nome, teria tido um sabor muito maior e intenso se a ele mesmo, ainda em vida, tivesse sido entregue. Tenho certeza de que Paulo ficaria feliz – com orgulho contido e com sorriso de humildade – diante deste reconhecimento, este mais do que qualquer título de DHC a ele conferido diante dos fatos significativos que agora vou narrar.

Refiro-me, primeiro, à contribuição que Paulo deu à UnB, em 1987, como membro do seu Conselho Diretor, convidado pelo então Reitor Cristovam Buarque. Mas, sobretudo, quero lembrar que o meu marido teria participado ativamente da fundação como um dos seus ideólogos e organizadores da rede epistemológica e didática desta universidade, se não fora seu amor incontido pela cidade que o viu nascer, crescer e formar-se como homem a serviço da dignificação dos brasileiros e das brasileiras. Refiro-me ao convite do Reitor Fundador Darcy Ribeiro desta “Universidade necessária” para que Paulo fizesse com ele esta universidade, que não poderia ter deixado de existir no Brasil.

Transcrevo do livro biográfico de Paulo que escrevi²:

Essa recifencidade de Paulo não nasceu por força do exílio. Quando da inauguração da nova capital federal, em 1960, Darcy Ribeiro, projetando a Universidade de Brasília, chamou Paulo para ir ver in loco e discutir com ele a sistematização e organização dessa instituição de ensino superior tão inovadora e ousada quanto a cidade mesma projetada por Lúcio Costa e Oscar Niemayer.

Já em Brasília, Darcy convidou-o então, insistentemente, para que Paulo fizesse com ele e outros/as intelectuais progressistas essa Universidade-modelo, participando de sua direção. Convidou-o também para ser seu professor, ensinando que matéria que ele se sentisse mais capacitado a ensinar, ao que Paulo respondeu: *“Darcy, parabéns e sucesso! Essa coisa é uma maravilha! Participo no que puder ajudá-lo, participarei com você nesse troço formidável, mas a distância. Vir morar aqui?!... Ser professor dela?!... Não posso!” Por quê? Porque não posso viver fora do Recife. Sem a minha cidade... eu nem sei se sei pensar!”*

A presença de Paulo na conjuntura nacional atual é incontestável, pois estamos num novo patamar que, não negando a euforia nacionalista dos anos 50 e 60, a supera, pois estamos novamente querendo galgar o posto de nosso destino de nação livre e soberana, dando voz ao povo, assim em estágio mais crítico, almejado para os oprimidos, por Paulo, na sua luta de mais de 60 anos. Mesmo afastado de

2. FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006. Prêmio Jabuti 2007, categoria biografia, 2º lugar, 2007.

seu país pelo Golpe Militar de 1964, por quase 16 anos, Paulo nunca deixou de estar buscando a democracia brasileira, como forma de governo, e a libertação dos seus cidadãos, como forma de possibilitar o encontro pleno e determinante desses com sua mais autêntica essência ontológica; o encontro dos brasileiros e das brasileiras com suas humanidades, viabilizando seus proclamares o mundo, o que torna possível tornarem-se todos e todas, independentemente de qualquer condição, sujeitos também da História, e não apenas objetos de manipulação, de exploração e de opressão dos poderosos. O Brasil está vivendo um momento raro, novo e criativo, de ruptura entre um país arcaico e de uma secular mentalidade escravagista para um país onde cabem todos e todas os que nasceram aqui e para os que para aqui vieram para construir uma nação solidária, forte e justa. Não acredito ser exagero dizer que Paulo é um dos responsáveis maiores por tal transformação. A esta Universidade cabe agora prosseguir, em rede com as outras universidades brasileiras, sobretudo aquelas que lhe deram o título de DHC, na realização desse sonho possível de Paulo. Pois suas ideias continuam atuais e necessárias se queremos construir um país de justiça e de paz social.

Para atingirmos esse sonho possível, esse inédito viável de uma nação solidária, forte e justa, falta-nos uma política cultural que, incentivando a conscientização através do aprofundamento do conceito antropológico da cultura, possibilite que homens e mulheres se conscientizem, saibam e se façam mais e mais seres que têm a possibilidade de transformar a sociedade onde vivem e o mundo. É preciso que todos e todas saibam lucidamente que, se eles e elas são transformadores da natureza, que não criaram, é-lhes possível mudar a cultura; que, mesmo não tendo sido eles pessoalmente que a criaram, mas os grupos sociais em comunhão, que os possa afirmar como existência que supera a mera esfera da vida animal; que cidadãos e seres humanos têm direitos e deveres a receber e a cumprir. Para isso, precisamos que se incentive o gosto e a criatividade, que, retratando a ancestralidade arraigada dos seus corpos conscientes, nos oferte seus produtos culturais que identifica e caracteriza a brasilidade que nos autentica pela multiculturalidade e, assim, pela diferença com relação a outros povos, como afirmavam Darcy Ribeiro e Paulo Freire.

Não tenho dúvidas de que é na nossa produção cultural, ao lado, imbricada, com a educação formal, escolar, em qualquer uma das suas modalidades e níveis, que surgirá a possibilidade do autenticar-se verdadeiro da brasilidade que nos dará a cara de um Brasil verdadeiramente democrático. Não acredito que sem educação e sem cultura, somente pela ampliação e crescimento do poder aquisitivo dos bens materiais, pela ascensão social apenas advindo do poder de compra, consigamos forjar a nação que queremos, pela qual nos sacrificamos, com a qual sonhamos.

A violência que hoje tortura, mata ou impede a vida plena clama por uma sociedade onde estas formas de presença antiéticas dos homens e das mulheres sejam substituídas pelas nossas mais diversas expressões artísticas, desportivas e científicas. Não se pode jogar nos lixões do desprezo, do descuido, do abandono

e das injustiças, como quer e faz a sociedade brasileira elitista e transgressora da “ética universal dos seres humanos”, a beleza e a exuberância da criatividade de nosso povo nos mais diferentes âmbitos da expressão humana.

Foi com isso em foco que Paulo, com o empenho e endosso do então Reitor João Alfredo da Costa Lima da Universidade do Recife (Universidade Federal de Pernambuco), criou, em 8 de fevereiro de 1962, o Serviço de Extensão Cultural. Um dos objetivos do SEC era exatamente sistematizar o que vinha do povo e a ele devolver, abrindo a possibilidade de serem Seres Mais. Entendo que esta tarefa rompe com os muros da Academia, ao relacionar o conhecimento do senso comum, assistemático, vindo da intuição e da observação, com o conhecimento científico, rigoroso e protocolar, pela superação, em colaboração e união, do que se acreditava ingenuamente. Paulo, no SEC, incidiu suas reflexões sobre o que recebia desorganizado do povo para, com a luz da teoria, autenticar a prática.

Penso que hoje uma das funções mais importantes da UnB, ao estar, atualmente, derrubando os muros do elitismo e do tradicionalismo que separam os que sabem dos ignorantes – bem como também o fazem algumas universidades de nosso país –, é trabalhar pela inclusão social de toda a nossa população juntando, pondo lado a lado a educação e a cultura como o meio mais adequado, fácil e inteligente de equalizar no nosso país as oportunidades para que todos e todas possam alocar-se como sujeitos históricos também e, assim, deixarem de ser apenas objetos da incidência dos poderosos.

Estou-me referindo aos direitos humanos mais autênticos de todos os homens e mulheres, para a obtenção dos quais, na verdade e em última instância, Paulo lutou desde os anos 50 do século passado, mesmo sem explicitar com estas palavras, ao lutar pela possibilidade de que todos e todas tivessem os instrumentos morais, éticos, políticos e epistemológicos para conseguir suas próprias dignificação e humanização.

Na conjuntura Internacional, quando o Brasil está procurando formas de interferência na política e na economia mundiais, para resgatar a possibilidade de um mundo mais harmônico e de respeito aos direitos fundamentais da condição humana, a teoria do oprimido de Paulo – falo de sua práxis e do conjunto de sua obra, não apenas do livro com este título – vem dando contribuições significativas. Nunca Paulo foi tão lido, tão valorizado e posto como fundamento de discussões as mais diversas, como educador político, quanto neste século! Suas denúncias sobre a malvadez do neoliberalismo e da globalização da economia, prenunciando a decadência destas indesejáveis e desumanizantes formas de organização social que imperavam no mundo e anunciando a possibilidade de uma sociedade socialista – a que fomos capazes de inventar – diferente do capitalismo que leva à miséria física e cultural povos e nações para usufruto deles, os poucos “donos do mundo”, é hoje uma realidade que muitos nem queriam ou nem podiam imaginar.

Em última instância, a alegria, a importância e o orgulho que sinto com a entrega deste mais alto galardão universitário que a UnB confere a Paulo Freire, mais de

14 anos depois de sua morte, traduzem e referendam muito e com eloquência a atualidade, a necessidade e a relevância do pensamento ético-crítico-político educacional de meu marido na atual conjuntura nacional e internacional.

Devo enfatizar que Brasília se tem aberto à divulgação das ideias e práxis de Paulo: concedeu-lhe a Câmara Legislativa do Distrito Federal, em ato solene, o título de Patrono da Educação do Distrito Federal, no dia 19 de setembro, fato que certamente trará benefícios para a educação, como solicitei no momento. A própria Editora da Universidade de Brasília, em parceria com a Editora Fundação Perseu Abramo, está lançando o *Comunicação e Cultura*: as ideias de Paulo Freire, de autoria de Venício Lima, por ser um livro pioneiro, no Brasil, no reconhecimento da importância do pensamento de Paulo para além do campo de estudos da educação. Esta segunda edição veio comprovar, 30 anos depois, a atualidade de Paulo no campo dos direitos humanos, especificamente em relação ao direito humano à comunicação. E a Exposição Multimídia organizada por Tânia Quaresma e Bené Fontelles.

Por fim, quero agradecer penhoradamente a todos e a todas que trabalharam para o reconhecimento de Paulo Reglus Neves Freire como o mais novo professor honorário da UnB: aos amigos meus e dele que de fora da universidade colaboraram de maneiras diferentes para esta festa; ao Prof. Venício A. de Lima e seus companheiros da “Velha Guarda dos Jornalistas do Distrito Federal”; aos professores e às professoras da Faculdade de Educação, na pessoa de sua Diretora, a Professora Carmenísia Jacobina Aires, e do Professor Erlando da Silva Rêses, responsáveis pela elaboração do parecer que resultou na convergência da aceitação unânime para a outorga desse honroso e – devo acrescentar, sem falta modéstia – merecido título de Doutor Honoris Causa ao meu marido; aos professores e às professoras da “comitiva do Homenageado”; às Coordenadoras do Centro de Cultura do Paranoá e do Centro de Educação Popular Paulo Freire de Ceilândia; ao Professor Flores, organizador da Semana Paulo Freire da UnB; à cantora Irene Bentley e à tecladista Vânia Marise; muito especialmente, aos queridos Secretário de Cultura do Distrito Federal, ao poeta Hamilton Pereira e ao Professor José Geraldo de Sousa Júnior, Reitor desta Casa, que fez organizar na Semana Universitária de 2011 as homenagens pelos 90 anos de nascimento do maior educador brasileiro de todos os tempos, Paulo Freire.

Muito obrigada!

Brasília, 6 de outubro de 2011.

Ana Maria de Araújo Freire é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica – PUC de São Paulo, viúva e sucessora legal da obra de Paulo Freire. Email: nitafreire@uol.com.br
